

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 33

2015

Nº 201

MARÇO - ABRIL

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	4
1500-592 Lisboa	Mundos regeneradores	5
Telefone : 217 647 441	A uma velhinha (Soneto)	8
*	Disposição sempre!	9
Director Responsável :	Sementeira e Colheita	13
Manuela Vasconcelos	Páginas do Passado	15
*	O jogador de basquete	20
Tiragem : 150 exemplares	A minha alma (Soneto)	25
	Da Atlântida a Cristo	26
Distribuição Gratuita	O Evangelho e a Mulher	34
*	Do cancioneiro nacional	36
Registo nº.211720	*	

Depósito Legal Nº. 13972

EDITORIAL

Em Março de 2011 a União Espírita dos Centros de Lisboa realizou um Seminário de homenagem ao médium português tão pouco referido nas nossas Casas Espíritas e que se chamou FERNANDO AUGUSTO DE LACERDA E MELLO, que se auto-exilou para o Brasil, devido a perseguições políticas da época – ou pretensamente políticas - ficando a viver no Rio de Janeiro, desde Julho de 1911 a Agosto de 1918, quando desencarnou.

Qualquer um que vá ao Brasil, seja qual for a cidade onde aporte e fale de Fernando de Lacerda, sente de imediato o carinho com que todos o continuam a recordar, sendo Fernando, Espírito, patrono de vários Centros Espíritas.

Aqui, em Portugal, onde ele nasceu e viveu a maior parte da sua vida terrena, são poucos ou quase nenhuns os espíritas que o referem, sendo mais fácil ouvir-se falar de A, B ou C, antes que do médium português. E todos eles, com esta atitude, vivem aquele adágio tão velhinho que afirma que “a galinha do meu vizinho é sempre melhor que a minha”. Que aquele querido espírito, se captar o nosso pensamento, perceba que não estamos a fazer uma comparação depreciativa mas antes e apenas a comentar uma atitude.

Em 1991/1992 impusemo-nos a grata tarefa de biografarmos Fernando de Lacerda. Referimos coisas lindas, não só de mensagens por ele psicografadas como a sua própria vivência, o amor ao próximo sempre manifesto, o carinho dedicado às duas crianças que tomou sob a sua protecção e com ele viveram enquanto se manteve em Portugal... mas, apesar de o termos dado a conhecer e ser fácil apelar para ele ou referi-lo,

todos continuaram no mesmo silêncio ignorante de quem não quer saber nem aprender! E no entanto, quando Aldo Marques, brasileiro casado com uma portuguesa, na década de oitenta aportou a Lisboa e ofereceu os seus préstimos à nossa Federação, ele criou ali o Grupo de Evangelho, que se reunia todos os domingos sob a égide do Espírito Fernando de Lacerda, por ele sempre invocado.

E o tempo correu... mas não em vão porque, uma referência aqui, outra lembrança ali, passando este ano o aniversário dos 150 anos daquele que foi médium e português, a Federação Espírita Portuguesa prepara-se para homenagear Fernando de Lacerda, com palestra que decorrerão um pouco por todo o País. Ficamos felizes com esta atitude – embora saibamos que, apesar de não ser referenciado na maioria dos Centros Espíritas, ele está presente nuns e noutros, principalmente quando, nas reuniões mediúnicas comparecem entidades sofredoras que foram suicidas.

Até Agosto – e possivelmente continuando depois – recordaremos Lacerda transcrevendo, nas nossas páginas de poesia um dos muitos poemas que ele compôs – porque Fernando de Lacerda também foi poeta!

E que o Espírito que começámos a amar e muito nos tem ensinado sobre mediunidade, nos perdoe a singeleza mas sinceridade das nossas palavras.

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

55 – Um outro caracter da revelação espírita e que ressalta as condições mesmas nas quais ela se produz, é que, apoiando-se sobre os factos, ela é e não pode deixar de ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, a qual, sendo a exposição das leis da Natureza numa certa ordem de factos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. **As descobertas da ciência glorificam Deus, em lugar de o rebaixar; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre ideias falsas que eles fizeram de Deus.**

O Espiritismo não estabelece, portanto, como princípio absoluto, senão aquilo que está demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Ligado a todos os ramos da economia social, aos quais empresta apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, elevadas ao estado de **verdades práticas** e saídas do domicilio da utopia sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e sua finalidade providencial. **O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.**

Nota de Rodapé: Diante das declarações tão nítidas e tão categóricas como as contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos príncipes, todas as falsas afirmações que pessoas prevenidas e mal informadas prestam à doutrina. Tais declarações, aliás, não são novas; nós as temos repetido com frequência em nossos escritos para não deixar nenhuma dúvida quanto a tais comentários. Por outro lado, elas nos indicam nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhar.

ALLAN KARDEC
(*Continua no próximo número*)

(In: A GÊNESE, Ed. LAKE, Capítulo 1º).

*

MUNDOS REGENERADORES

(...)

17 – Os mundos regeneradores servem de transição entre os de expiação e os mundos felizes. A alma que se arrepende aí encontra a calma e o repouso, acabando de se purificar. Nesses mundos, sem dúvida, o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta vossas sensações e desejos,

mas está isenta das paixões desordenadas às quais sois submissos; ali não existe o orgulho que faz calar o coração, a inveja que o tortura e o ódio que o sufoca; o vocábulo amor está escrito em todas as frentes e uma perfeita equidade rege as relações sociais; todos reconhecem a Deus e procuram elevar-se a ele, segundo suas leis.

Nesses mundos, contudo, ainda não existe a perfeita felicidade, mas pode-se antevê-la. O homem ainda é carnal, e por isso mesmo sujeito às vicissitudes de que só estão isentos os seres completamente desmaterializados. Ainda tem provas a sofrer, mas estas não se revestem das peculiaridades da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são mais felizes e muitos de vós gostariam de habitá-los, porque representam a bonança após a tempestade, a convalescença após uma enfermidade prolongada. Menos absorvidos pelas coisas materiais, o homem entrevê melhor o futuro do que vós, compreende que são outras as alegrias prometidas pelo Senhor aos que se tornam dignos quando a desencarnação ceifar novamente os seus corpos, para lhes outorgar a verdadeira vida. É então que a alma liberta vislumbrará todos os horizontes. Não mais os sentidos materiais e grosseiros, mas os sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanações de Deus, sob os aromas do amor e da caridade, que d'Ele emanam.

18 – Mas ah! Nesses mundos, o homem ainda é falível e o Espírito recalcitrante não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar e, se o homem não se tiver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde então novas e mais amargas provas o aguardam.

Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a

Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra.

AGOSTINHO

(Paris, 1862)

(In: KARDEC, Allan: ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, edição FEESP, 1974).

*

Achámos por bem transcrevermos parte desta mensagem que se encontra no capítulo III de ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, lembrando todas aquelas pessoas que anseiam pelo mundo regenerador mas nada fazem pela sua reforma íntima... esquecidos ou tentando ignorar que, nesse mundo novo, só reencarnará quem o merecer. Todos aqueles que se mantiverem, como agora, esquecidos do amor ao próximo, cometendo crimes ou deixando-se envolver por qualquer vício, alimentando ódios e desejos de vingança – esse poderá sonhar com um mundo de regeneração que conhecerá um dia, quando também ele se tiver regenerado. Até lá, terá de combater em si tudo o que for ‘descobrimo’ que está errado até que, um dia, sinta a alegria de ter merecido o mundo com o qual sonhou!

Até lá, o “tal mundo que já está sendo anunciado e referido” será ainda e apenas um sonho irrealizável!

MANUELA

*

A UMA VELHINHA

Ao ver tua cara engelhadinha,
Qual velho pergaminho mal cuidado,
Eu penso, sem querer, boa velhinha
Que teria ela sido no passado.

Quais dos admiradores que ela tinha,
Aqueles que tua alma tem guardado;
De quantos corações foste rainha,
E de quantos foste anjo muito amado!

Agora, por teu rosto côm de cera,
Já tão longe da sua primavera,
Alumiado a sorriso de bondade,

E por teu ar suave de tristeza,
Que te dá cunho antigo de pureza,
Pareces-me a Senhora da Saudade!

FERNANDO DE LACERDA
1865-1918

(In: 'Mistérios de Além-túmulo', Fernando de Lacerda, ed. FEP).

*

DISPOSIÇÃO SEMPRE!

No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo. – JESUS
- (Jo: 16:33).

Factores negativos internos e externos conspiram o tempo todo para o insucesso dos trabalhos na Seara do Cristo. Em especial, o trabalhador espírita defronta-se com escolhos e pedrouços de variegado matiz, até mesmo (e principalmente) dentro dos arraiais espiritistas.

Uma técnica muito utilizada, com razoável sucesso pelos espíritos inimigos da Luz, no sentido de levar o trabalhador do Bem ao descoroçoamento, é realçar-lhe, através de induções magnéticas, as limitações e pequenez. Assim, trabalhadores denotados, que enfrentam com desassombro as mais duras provas e expiações e se mantêm firmes ante as mais formidandas procelas morais, entregam-se ao desânimo quando dão passividade às sugestões dos Espíritos maus que lhes insuflam as ideias perniciosas de que não são detentores de suficientes valores morais para o trabalho no Bem com Jesus.

Impregnados pelos valores anestésiantes das vibrações malsãs desses Espíritos menos esclarecidos, declaram-se inabilitados para as tarefas nobilitantes e redentoras, enviscando-se no tédio, perdendo, conseqüentemente, as oportunidades nas horas vazias a que – inermes – se entregam, para gáudio dos obsessores.

Para que possamos reverter tal estado de coisas, todas as vezes que sentirmos a ronda dessas sugestões anestésiantes,

busquemos revigorar as nossas disposições no bálsamo da oração e, por certo, o auxílio do Mais Alto não nos será negado...

Outra medida *mágica* e infalível, ao nosso alcance, é perflustar as páginas dos livros de autoria da mentora espiritual Amélia Rodrigues, da lavra mediúnica de Divaldo Franco, que exalam o renovador perfume do Evangelho, impregnando-nos de ânimo, alegria e disposição...

Provavelmente prevendo as variadas dificuldades dos trabalhadores espíritas nesse início do Terceiro Milénio, Joanna de Ângelis enviou – pela mediunidade do seu tutelado – em 1978, a obra intitulada *Rumos Libertadores*.

São duzentas e trinta e oito páginas, que formam sessenta capítulos de puro ânimo, optimismo e esclarecimentos para nos auxiliar no enfrentamento de toda e qualquer dificuldade do caminho... Com belíssima capa policromática, suas lições são verdadeiras vacinas contra o desânimo. Os títulos muito sugestivos, entre outros, são: *Entusiasmo e acção consciente; Aflicção e consolação; Conflitos íntimos; Instar no Bem; Responsabilidade e fuga; Não desistas; Dor, tentação e perseverança; Perseguidores espirituais; Desalento; decisão firme.*

Deleitemo-nos com uma delas, intitulada

Insatisfeito, mas perseverante

Aturdes-te ante os impositivos renovadores. Sem poderes sopitar a amargura, experimentas tédio indefinível que te lanha a alma com rudes relhos, a estrugirem comandados pela vigorosa mão da insatisfação.

Não identificando os factores causais, porque honesta a tua sede de paz e de felicidade, sofres agonia sem palavras e procuras fugir, inconscientemente embora, aos compromissos novos.

E repassas os conceitos de ventura, mediante as vinculações com as expressões imediatistas da forma, agradáveis, porém breves, como se a ausência desta e daquela posse, sempre secundárias, te constituísse valor de alta monta, não obstante já disponhas do que é mais importante.

Necessário e urgente que faças uma revisão de conceitos: a posse, normalmente, esmaga aquele que se supõe possuidor.

Jóias, dinheiro, moradias, objectos, apesar de necessários em certas ocasiões, transitam de mãos, raro sobrevivendo aos seus enganados possuidores...

Indaga aos que se locupletam no prazer e de coisas se repletam, se estão felizes, e eles responderão que estão ansiosos, senão cansados...

As amizades, lavradas nas bases das posições dominantes no mundo, viajam, também, com as posições, os cargos, os destaques, quando estes mudam de pessoa ou de lugar.

Interroga aqueles que deixaram os postos enganosos a respeito do apreço dos que os bajulavam, à hora do destaque político, económico ou social, e eles te afirmarão que hoje tragam lágrimas salgadas de desencanto, suportando o pesado fardo da ingratidão, o ácido dos remoques e das zombarias dos que antes lhes disputavam um lugar ao lado ou as migalhas nas mesas fartas da aparência mundana...

Examina o amor, que parece tão importante apenas do ponto de vista da sexualidade, quase sempre confundido com as paixões dissolventes e propõe indagações aos protótipos do gozo, da beleza e modelos da forma como se encontram, e descobrirás, se te forem honestos, a mudança da face, normalmente aberta em sorriso profissional, transformada em ríctus de amargura,

asseverando que seguem frustrados, incompletos, e que prefeririam, se pudessem, outro tipo de vida...

Segurança, na Terra, ninguém tem, por enquanto. Isto, porque, aqui nos encontramos em reforma, e aprendizagem, em aquisições de experiências, conquista de valores.

Segurança legítima é amar – doando-se; confiar – servindo; esperar – perdoando.

Há tempo para cada realização: num momento o alicerce, depois o edifício; hoje a sementeira, amanhã a messe de luz...

*

Fruirás, si, a paz que anelas, e defrontarás a plenitude em ti mesmo, que hoje te falta.

Não te aflijas pelo amanhã, nem te afadigues sob tormentos perfeitamente superáveis.

Jesus ensinou-nos a descobrir os ínsitos valores de nós mesmos e estimulou-nos a transformá-los em estrelas fulgurantes, clareando a noite da nossa actual conjuntura.

Não te entregues, portanto, à desnecessária aflicção.

Espera e ama desde hoje. Logo mais estarás tranquilo e feliz com o Cristo, a quem já começas a sentir no imo d'alma.

Estudando Kardec e vivenciando os ensinamentos de Jesus, nossa actual romagem terrestre terá tudo para produzir bons e sazonados frutos!

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – M.G. – Brasil)

(In: Jornal Espírita Brasileiro MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Maio de 2014, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

SEMENTEIRA E COLHEITA

É certo que cada pessoa é um mundo diferente de qualquer outra – ainda que a outra seja pai, mãe, filho ou avó; o conhecimento, como os feitiços de cada um não são herdados nem genéticos embora uns e outros possam ser orientados e transmitidos mediante a educação que se deu àqueles que o Senhor colocou à nossa responsabilidade.

Entretanto, existem aqueles outros que, por um e outro motivo, de nós se aproximam e que observados na sua conduta, procuramos ajudar para que se melhorem, tornando-se até, e por vezes, mais acessíveis no convívio. Mas esta atitude tem de ser, sempre, muito subtil e suave, de maneira a não ofendermos a ninguém. Ficarmos calados é difícil – mesmo porque temos sempre presente a recomendação do Divino Amigo quando disse *‘Não se pôr a candeia sob o alqueire, mas em cima da mesa, para que ilumine todo o quarto.’*

Por outro lado, se somos todos ainda imperfeitos e reencarnamos na Terra para aprendermos uns com os outros – o que será mais premente nesse aprendizado? A despreocupação do **se não for hoje, é amanhã** apenas atrasa a evolução de cada um – da mesma maneira que, na escola ou no liceu, o aluno que não estude atrasa o seu adiantamento.

Vêem todas estas palavras por estarmos a pensar na reforma íntima, tão necessária a todos nós, mas a que tantos, também, se procuram esquivar com a justificativa de que “sou como sou; o orgulho, o egoísmo ou qualquer outro sentimento fazem parte da minha personalidade e não vou mudar só para agradar aos outros”.

O problema é que não pertencemos à Terra! Somos seres espirituais que aqui vimos reencarnando para nos aperfeiçoarmos, mediante o esforço que fizemos pela nossa evolução porque, o que importa são as conquistas com que enriquecermos o nosso verdadeiro EU – o espírito imortal que Deus criou para a perfeição – relativa, porque perfeito mesmo só Ele: a nossa perfeição, a meta que atingiremos será sempre a de espíritos puros, e Jesus mostrou-nos a todos que o podemos vir a ver.

Olhando em volta, observamos a maneira com que muitos dos nossos “companheiros de jornada” se comportam, adiando mais e mais a busca da sua melhoria, sem se lembrarem ou pensarem que, mediante o que fizemos, a Lei de Causa e Efeito nos lembrará sempre a ‘sementeira e a colheita’.

Ninguém quer o sofrimento mas há quem ande pelo mundo como viajantes que não pagaram a passagem – isto é, sem pensarem que quando reencarnaram muitos outros espíritos aguardavam, igualmente, a volta à matéria, e enquanto uns perdem a reencarnação concedida e vivida no marasmo da procura de uma melhoria, muitos outros, do outro lado da Vida, continuam a pedir uma nova oportunidade de o fazerem.

E, porque se refere já muito a transição do planeta Terra para um mundo de regeneração, nós perguntamo-nos qual será a decepção de uns e outros quando perceberem, ante uma nova reencarnação num futuro mais ou menos distante, que o mundo regenerador não é ainda para eles?!

Aproveite cada um o tempo que lhe resta ainda, na vivência terrena de que usufrui, para que no regresso ao mundos dos espíritos, que é o de todos nós, possa ter a felicidade de ouvir

o seu Guia e outros Espíritos amigos que o aguardem, a parabenizá-lo por ter conquistado valores melhores que os anteriores para si mesmo.

E isso será unicamente resultante do esforço de cada um.

MANUELA VASCONCELOS

*

PÁGINAS DO PASSADO

CONSEQUÊNCIAS DO ESPIRITISMO

O Espiritismo serve para provar a existência do mundo espiritual. Sendo o mundo espiritual composto das almas que viveram na Terra, resulta daí a prova da existência da alma e da sua sobrevivência ao corpo.

Os Espíritos que se manifestam revelam as suas alegrias e as suas tristezas, conforme o modo como empregaram a sua vida terrestre, resultando daí a prova das compensações futuras, boas para uns e más para outros.

Alguns Espíritos, ao descreverem o seu estado e a sua situação, repetem as ideias falsas que faziam da vida futura, principalmente sobre a natureza e duração dos sofrimentos.

A vida futura, tendo assim passado do estado de teoria vaga e incerta ao estado de facto adquirido e positivo, demonstramos a necessidade de trabalhar o mais possível, durante a vida

presente, que é de curta duração, em proveito da vida futura, que é ilimitada.

Supunhamos que um homem de vinte anos tinha a certeza de morrer aos vinte e cinco anos: que faria ele durante esses cinco anos? Trabalharia para o futuro? Seguramente que não. Procuraria gozar o mais possível e não tomaria a sério impor a si mesmo trabalho, fadigas e privações. Mas se ele tiver a certeza de viver até aos oitenta anos, procederá inteiramente dum modo diverso, porque compreenderá a necessidade de sacrificar alguns momentos do descanso presente para assegurar o descanso no futuro, durante longos anos.

Assim sucede com aqueles para quem a vida futura é uma certeza.

A descrença na vida futura conduz, naturalmente, a sacrificar tudo pelos gozos do presente, resultando daí a excessiva importância que se liga aos bens materiais. Esta importância excita a cobiça, a inveja, o ciúme de quem tem pouco contra quem tem muito. Da cobiça ao desejo de possuir, por todo o preço, o que possui o seu vizinho, é pequena a distância; de tudo isto nascem os ódios, as questões, as guerras e todos os males engendrados pelo egoísmo.

Na incerteza da vida futura o homem, vergado pelo infortúnio, vê na morte o fim dos seus sofrimentos e não esperando mais nada, acha racional alijá-los pelo suicídio. Sem esperança no futuro, é muito natural que o homem se perturbe, se desespere com as decepções que sofre. As convulsões violentas que dali derivam, abalam-lhe o cérebro e são a causa da maior parte dos casos de loucura.

Não crendo na vida futura, a vida presente é para o homem o que ele tem de mais caro; é o único objecto das suas preocupações; dedica-se inteiramente a ela, razão porque quer a todo o preço gozar, somente gozar, não só os bens materiais mas também honrarias, pretendendo brilhar e elevar-se acima de todas as outras pessoas, e eclipsar o seu vizinho com o seu faustoso viver; e a sua ambição desordenada, a grande importância que liga aos títulos e a todas as manifestações de vaidade, levam-no a sacrificar tudo, mesmo a própria honra, porque não vê mais nada além disso.

A certeza da vida futura e das suas consequências muda por completo a ordem das ideias, deixa ver as coisas por outro prisma, mostra-nos o verdadeiro significado da vida, é um véu erguido que nos descobre um novo horizonte, imenso e esplêndido.

Diante do infinito e da grandiosidade da vida além-túmulo, a vida terrena desaparece como um segundo perante um século, como um grão de areia ante a montanha. Tudo nesta vida se torna pequeno, mesquinho e espantamo-nos da importância que damos a coisas tão efémeras e tão insignificantes. Da certeza da vida futura advém-nos uma tranquilidade, uma calma que é já uma felicidade em comparação com as perturbações e tormentos que se grangeia, na ânsia de nos sobrepormos a todas as outras pessoas. Esta tranquilidade ajuda-nos a suportar, com mais paciência, as vicissitudes e decepções da vida, afasta de nós o desespero e a loucura, e desvia de nós toda a ideia do suicídio.

Com a certeza no futuro o homem sabe esperar com mais resignação; na dúvida, perde toda a paciência porque não espera mais nada além do presente. O exemplo daqueles que viveram, provando que a felicidade é proporcional ao progresso moral

adquirido e ao bem praticado na Terra, e que o infortúnio é também proporcional à soma dos vícios e das más acções praticadas, produz uma tendência muito natural para a prática do bem em todos aqueles que estão convencidos dessa grande verdade.

Quando os homens, na sua maioria, obedecerem a esta ideia e praticarem somente o bem, resultará por certo um predomínio do bem sobre o mal, e deixarão de se aniquilarem mutuamente. Procurarão regular as suas instituições sociais no sentido do bem comum, em vez de serem somente em proveito de alguns; compreenderão que a lei da caridade ensinada por Jesus Cristo é a fonte de felicidade já neste mundo, e basearão as leis civis naquela lei da caridade.

A descoberta do mundo espiritual que nos rodeia, e da sua acção sobre o mundo corpóreo, é a revelação de um dos domínios da Natureza, e, por consequência, a chave de uma multidão de fenómenos mal compreendidos, de ordem física e de ordem moral.

Quando a ciência tomar em consideração este novo elemento, até agora desprezado por ela, rectificará uma chusma de erros provenientes de se atribuir tudo a uma causa única: a matéria. O conhecimento desta nova causa nos fenómenos da Natureza, será uma poderosa alavanca para o progresso e produzirá o efeito que produz a descoberta de todo e qualquer novo agente.

Com o auxílio das leis espirituais, o horizonte da ciência alargar-se-à como se alargou com o auxílio da lei de gravitação e outras. Quando os sábios, do alto da sua cadeira, ensinarem e proclamarem a existência do mundo espiritual, e sua acção nos fenómenos da vida terrena, infiltrarão na juventude o contra-

veneno das ideias materialistas em vez de a predispor para a negação do futuro.

Nas lições de filosofia clássica, os professores ensinam a existência da alma e os seus atributos, conforme as diferentes escolas, mas sem provas materiais. E, caso curioso, quando essas provas aparecem, são repelidas e classificadas de superstições por aqueles mesmos professores! Quando algum sábio emite uma hipótese sobre qualquer ponto da ciência, procura com ansiedade, e acolhe com alegria os factos que possam fazer, dessa hipótese, uma verdade. Pois, muitos professores de filosofia, que tinham obrigação de provar aos seus alunos que eles têm uma alma, tratam com desdém supremo os meios com que lhes poderiam fazer uma demonstração convincente.

Admitamos, por um momento, que os Espíritos não são capazes de nos ensinarem alguma coisa de novo, ou que não pudéssemos saber por nós mesmos, o certo é que só a descoberta da existência do mundo espiritual conduz forçosamente a uma revolução das ideias; ora, uma revolução nas ideias traz, forçosamente, uma revolução na ordem das coisas; é esta revolução que o Espiritismo prepara.

Mas os Espíritos fazem muito mais que isso: se as suas revelações são rodeadas de certas dificuldades, se elas exigem minuciosas precauções para se verificar a sua exactidão, não é menos verdadeiro que os Espíritos iluminados, quando se sabe interroga-los, e quando isso lhes é permitido, podem revelar-nos factos ignorados, dar-nos explicações de coisas não compreendidas, e colocar-nos na esteira de um progresso mais rápido.

É nisto, principalmente, que o estudo completo e atento da ciência espírita é indispensável, a fim de não lhe pedirmos senão o que ela nos pode dar, e do modo como lhe é possível. É precisamente por querermos ultrapassar esses limites que nos expomos a ser enganados.

As causas mais pequenas podem produzir os maiores efeitos; é assim que, de um pequeníssimo grão, pode sair uma árvore gigantesca; foi assim que a queda de uma maçã fez descobrir uma lei que rege os mundos (*lei da gravidade*); foi assim que, as rãs saltando num prato, revelaram a força galvânica; e assim sucedeu que, do vulgaríssimo fenómeno das mesas girantes, saiu a prova do mundo invisível, e desta prova brotou uma doutrina que, nalguns anos, deu a volta ao mundo e pode regenerá-lo, só pela confirmação da realidade da vida futura.

ALLAN KARDEC

(In: tradução de Manoel Cavaco, para a Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, n.º. 18, de Outubro de 1931).

*

O JOGADOR DE BASQUETE

De volta para casa, após o treino, Mauro mergulhara em profunda revolta. Ele gostava muito de jogar basquete, mas os colegas não o valorizavam. Sonhava ser um excelente jogador, ser aclamado nas quadras, conhecido e admirado por todos. No

entanto, os colegas do time não confiavam nele por ter apenas treze anos.

Chegando a sua casa, atirou a mochila para uma cadeira e dirigiu-se à cozinha, onde a mãe tinha já a refeição pronta. A família já estava reunida. Mauro sentou-se, mal-humorado, sem dizer nada. As irmãs, gêmeas, de dezasseis anos, olharam para Mauro, depois para o pai, estranhando o comportamento do irmão. Júlio, porém, de cinco anos, com a sua voz infantil perguntou:

- Que bicho o picou hoje, Maurinho? – usando uma frase que a mãe usava quando algum dos filhos estava irritado.

Os demais acharam graça, mas Mauro avermelhou de raiva.

- Não enche, pirralho, senão eu!...

- Relaxa, Maurinho. Vamos comer em paz – entrevistou o pai, acalmando-o.

A mãe terminou de colocar os pratos na mesa e sentou-se também. Uma das irmãs fez uma pequena oração de agradecimento a Deus, pelo dia e pelo alimento. Mauro baixou a cabeça e comeu em silêncio. Ao terminar, pediu licença e levantou-se. A mãe olhou para ele, pois era hábito esperar-se que os demais acabassem de comer, mas o pai fez um sinal para a esposa, como se dissesse: - “Deixe-o ir. Ele não está bem.”

O rapazinho foi para o quarto e lá ficou, emburrado. Terminada a refeição, o pai foi até ao quarto do filho. Encontrou-o no leito, com a cabeça coberta. Calmo, sentando-se na beira da cama, ele disse:

- Meu filho, aconteceu algo, hoje, que o aborreceu. Se eu puder ajudá-lo, ficarei muito contente.

Diante das palavras ternas do pai, o rapazinho descobriu o rosto, molhado de lágrimas, e desabafou:

- Sabe o que acontece, pai? Meus colegas de time não confiam em mim! Não acreditam que posso realizar lances importantes e quase que não me passam a bola!... E eu quero ser um grande jogador! Não aguento mais!...

O pai pensou um pouco e, em seguida, considerou:

- Maurinho, há um ensinamento de Jesus que diz: “Quem quiser ser o maior no Reino dos Céus, que seja o servidor de todos.”

- Ah, pai!... O senhor vem com essa conversa agora?!...

O pai sorriu, compreensivo:

- É sério, meu filho! Essa lição de Jesus serve, não apenas para quem quer alcançar o Reino de Deus, mas também para a nossa vida aqui na Terra. Veja: para alcançar o que desejamos, temos que mostrar nossa capacidade. Ninguém nasce um grande jogador. Torna-se bom com o treino e com as experiências vividas. Assim, as pessoas reconhecem que você é bom naquilo que faz, entende?

- O senhor quer dizer que, antes, eu devo mostrar isso através do meu trabalho?

- Exactamente! O reconhecimento, é apenas uma consequência. Cada jogador precisa fazer a sua parte. Só assim o time será realmente uma equipa.

- E como vou fazer isso, pai?

- Pense e descobrirá – disse o pai, levantando-se e deixando o quarto.

Maurinho pensou, pensou... e entendeu. Foi dormir cheio de esperança. No dia seguinte, haveria treino de novo.

À hora marcada ele foi para a quadra. Como ele tinha dito que não queria jogar mais, os demais estranharam a sua presença.

- O que está você fazendo aqui, Maurinho? – perguntou um deles.

Humildemente, Maurinho aproximou-se dos colegas, com um sorriso, e pediu:

- Vocês poderiam dar-me uma nova chance?

Os demais concordaram, contentes, pois sem ele ficariam com um jogador a menos. Começado o jogo, Maurinho mostrou-se bem diferente: não ficava exigindo que lhe passassem a bola e, quando isso acontecia, ele dava o passe para o colega que estivesse em posição de fazer cesta, cedendo em favor do outro e melhorando o rendimento do time. Assim, ganharam o jogo. Todos estavam alegres e comemoraram com um lanche, na cantina da escola. Maurinho percebeu que os colegas, agora, o olhavam de maneira mais amigável.

À noite, quando o pai chegou do trabalho, encontrou o filho, feliz.

- E daí, meu filho, como foi seu dia?

- Foi ótimo, papai! Entendi a lição e acho que Jesus tem toda a razão... Deu certo! Sendo o servidor de todos, a gente cresce e o time melhora. A parte de cada jogador é pequena, mas fundamental. Agora somos uma equipa. Obrigado!

Trocaram um abraço carinhoso e, quando a mãe chamou, avisando que a mesa estava posta, foram jantar em ambiente de paz e alegria. Maurinho quis fazer a oração:

- Jesus, querido! Suas lições são dicas para a nossa vida em qualquer tempo e a qualquer hora. Obrigado pelo dia e pela família que temos!

Mauro cresceu, tornou-se um homem conhecido e admirado por quantos se relacionavam com ele. A paixão pelo basquete passou, porém, através dos anos, manteve sempre uma postura digna e responsável, que bem atestava o seu amor por Jesus. Seguidor do Evangelho, ele mostrava-se humilde, simpático, prestativo e gentil para com todos. E nunca deixou de valorizar, em qualquer actividade, a importância da equipa.

MEIMEI

(Psicografia da médium brasileira Célia Xavier de Camargo, em Rolândia, em 13/2/1912. Texto recebido via internet).

*

A MINHA ALMA

Noite serena e calma. Absorto, o céu contemplo,
Céu de estrelas tamisado e argênteo de luar,
E nele eu fantasio a abóbada dum templo
De que a florida Terra é pequenino altar!

É o templo da vida, o verdadeiro templo!
Meu espírito ajoelha orando, a meditar,
E dou, assim, ao mundo o comovido exemplo
De como a admiração é que nos faz orar!

E neste templo azul, Augusto templo enorme,
Eu penso, eu amo, eu oro enquanto o mundo dorme,
E a minha alma se solta e voa ao infinito...

E vejo e sinto então o quanto esta alma é grande:
Ela enche a imensidão na prece em que se expande
E chega até Deus, do nada em que eu medito!

FERNANDO DE LACERDA
1865-1918

*

DA ATLÂNTIDA A CRISTO

*Somente tu, oh Espiritismo, revolução
e razão do pensamento, descobres e iluminas
a noite humana. – EU MESMO*

Quando o ano passado eu escrevi sobre o Cristo, como tendo sido um dos primeiros habitantes do nosso mundo, o qual Ele havia acompanhado na sua evolução, primeiro encarnado, mais tarde como protector fluídico, e finalmente como espírito puríssimo e Messias, alguns ortodoxos se comprazeram em atacarme a fundo.

Eram defensores intransigentes das lendas bíblicas, que, afinal, nunca tiveram um ponto de partida claro e determinado, uma vez que tudo quanto serve de base à bíblia cristã, tem a sua origem nas remotas religiões planetárias, anteriores a séculos sem conta à vinda do Nazareno...

Ora, se acreditamos no Espiritismo, temos que admitir que Cristo não podia e nem devia surgir de improviso sobre a Terra, e sim, acompanhá-la na sua trajectória, até ao momento da maior revelação divina: *Amar e perdoar*.

E tal revelação não podia realizar-se sem o sacrifício cruento do próprio missionário: *Jesus*. Contra o ódio e o sangue que dominavam o planeta (época romana), era necessário contrapor o amor e o perdão. Nisto está por inteiro a grandeza incomensurável da obra do Redentor; tudo o mais são ouropéis, culto, convencionalismo.

Seguindo a minha humilde missão de construtor moderno do edifício espírita, eu sintetizo hoje a trajectória do planeta, desde a *Atlântida* a *Cristo*, flanqueando sempre a figura do segundo,

mesmo se aparece apagada, ou oculta, nos milénios incontáveis que procedem a sua luz...

Mas antes de reforçar-lhe a figura, será necessário descer nas trevas destes milénios, a fim de orientar-se e ler nos sepulcros, eternamente fechados pelo mar.

Meu leitor, não há bíblia que saiba e informe veridicamente quando foi que o planeta começou a ser povoado e, sobretudo, a época dos seus primeiros ensaios de civilização. Eu, infelizmente, estou com *Platão*, quando afirma que uma primitiva civilização (incomparavelmente superior à romana), jaz no fundo do Oceano, qualificando-a como raça vermelha. Para isto, mais que as várias bíblias, nos serve de mestra a *ciência*, esta doutrina que esguicha da Sabedoria Divina e chega até nós em demorado filete, sendo porém hostilizado com ódio mortal pelas igrejas, porque nestes filetes está o afogamento do... *dogma*: barreira e trevas necessárias para dominar à vontade povos e nações.

Senão, vejamos: quanto mais o dogma se levanta contra a Luz do Progresso, tanto mais acentuadamente assinala a sua catástrofe! Não é mais possível, viver à mercê da ignorância profunda, sem ofender a *Sabedoria Divina*. Daí, mais uma vez, a nossa razão em proclamar que não são as religiões e sim a *Fé* é suficiente para ser filho de Deus.

Acrescentarei, entretanto, que não será a unificação das religiões, e sim o conceito de um só Deus, a crença da nossa imortalidade, a prática do bem, o respeito ao factor científico, o reconhecimento da lei das reencarnações, a comunhão espiritual entre os dois mundos, a confraternização dos povos com os governos, etc., que assinalarão a *nova era terrestre*.

Nós, espíritas, já vivemos à sua espera, e vigilantes... No entanto, afundemo-nos na noite dos tempos e socorramos os biblistas na sua ignorância.

Eu disse que uma civilização autêntica precede o Império Romano e a vida do Messias. Conforme os intentos de Deus, aquela civilização desapareceu quatro vezes para ... para preparar a cristã, não no sentido religioso, porém humano-divino, como o *“Amor e Perdão.”*

Para imprimir e revolucionar uma tal lei universal, ajudaram os quatro – e não apenas (como afirma a Bíblia) um dilúvio universal. Que, porém, não foram dilúvios, no sentido de Noé e da Arca; e, muito pelo contrário, perturbações planetárias formidáveis, de assentamento físico e reorganização humana. A Atlântida, a raça vermelha, não podia – pelos desígnios de Deus – dominar o mundo todo!

*

Segundo a tradição e as descobertas geológicas, o primeiro cataclismo remonta a 800 mil anos. A raça atlântica achava-se, então, em pleno esplendor civil, religioso, científico.

Os inúmeros historiadores que imortalizaram a raça vermelha, demonstram de um modo positivo que se deve à emigração daquela raça, por exemplo, a descoberta do bronze, o uso do ouro, o culto do sol, a indústria têxtil, poemas e músicas que enquadraram àqueles verdadeiros gigantes. A emigração que criou (observem bem), mais tarde a civilização... oriental. Não posso, evidentemente, num rápido artigo, demonstrar a veracidade desta afirmação.

É facto, porém, que há 800 mil anos passados, a Atlântida submergiu e, hoje, o Oceano lhe canta as canções fúnebres. Mas sob a grande extensão do mar homónimo, aquele imenso continente permanece uma página indestrutível da primeira civilização humana. E contra o sepulcro Atlântico surge a vida da Europa e da África, que eram apenas promontórios e ilhas no meio do próprio mar que se derramou sobre o continente vermelho.

Após o primeiro, tremendo cataclismo, eis um segundo, distante de nós 200 mil anos. Os restos da Atlântida continuam a submergir, aflorando por outro lado à superfície das águas novas terras, como, e especialmente, as ilhas britânicas, a Escandinávia, enquanto a África cresce desmedidamente. Novos cultos e novas raças brancas e negras, assim como também a vermelha, reduzida a proporções mínimas, vagueiam pelos novos continentes.

O terceiro cataclismo teve lugar a 80 mil anos passados. A Atlântida era, então, representada apenas por duas ilhas: Ronta e Daity... A Europa tornou-se um imenso continente, a África uniu-se à Ásia. Continua a criação de *novos cultos*, mas sem um nexo civil – religioso – científico como a Atlântida, que – se existisse ainda – deveria assinalar um passo de grande progresso humano.

A ciência, sobretudo, parece sepulta até ao estado primitivo da criação até que, 9564 anos antes de Cristo, sobrevem o quarto tremendo cataclismo, que traga a ilha de Poseidon, última lembrança terrestre da Atlântida!... Europa, Ásia, África e América já tinham o aspecto geográfico de hoje; as raças haviam-se multiplicado, assim como as cores: os cultos eram ilimitados.

Começam as *primeiras bíblias*, repletas de lendas, de fábulas, de profecias, de salmos e de orações fúnebres, de

homens misteriosos, apóstolos estranhos, ascetas, desfrutadores primordiais da ignorância e da superstição humanas.

Sem a temeridade de querer ensinar uma página verdadeira de história, a quem me lê, eu direi apenas que com o quarto cataclismo se formam dois núcleos civis, atravessando do Oriente ao Ocidente: a *Grécia* e *Roma*. A primeira, força de pensamento, poesia, deificação do Belo em todas as suas tonalidades; a segunda, poder de domínio brutal, conquista do mundo, direito e não dever, preparação trágica da era cristã.

Sobre estas duas civilizações, a grega e a romana, nascera o arbusto Cristo, das raízes da Atlântida, perdida no abismo, dos ramos sobreviventes das catástrofes, dos milénios lentamente purificadores da Terra e do Espaço, aproximando-se do amplexo redentor.

Os milénios são os minutos da eternidade...

Eu disse antes que Jesus havia sempre acompanhado a transformação e a evolução da Terra, como um dos seus primeiros habitantes. Basta recordar as suas palavras: “*Antes de Abraão, eu era*”. Está claro que, antepondo-se ao maior patriarca planetário, Ele denunciava a sua origem em concomitância à evolução humana. Era, por conseguinte, o “*primogénito*” do conúbio Terra-Divino, e como tal lhe devia caber o direito à Redenção.

Hoje, já é uma certeza absoluta que, assim como cada criatura humana é acompanhada por um *anjo da guarda*, também cada planeta evolui ao reverbero de um Cristo. E digo mais: anjo e Cristo progredirão também eles em razão do tempo e da missão. Ninguém pode determinar onde finaliza a perfeição de um espírito...

*

Quando, por conseguinte, nós denominamos Jesus o “*Mestre dos mestres*” referimo-nos ao maior chefe de hierarquia espiritual da nossa atmosfera; chefe insuperável das falanges angélicas que povoam a nossa aura planetária.

Mas não devemos esquecer, como exclama o grande teólogo-astrónomo-médium, Charles L. Tweedale, de modo que todas as outras fantasias criadas pelos dogmáticos e espiritualistas juntos, em torno do nosso Messias, esbarram com as razões e as induções da *vida universal*...

Eu vejo, assim, Jesus nascer no nosso planeta, morrer, renascer, morrer ainda, mas sempre progredindo. E nesta acção, que é o substrato da nossa doutrina, Ele – o decano dos nossos primeiros pais – se desposava em um acto antecipado de “*Amor e Perdão*” a esta estação do espaço.

Se fosse de modo diferente, então digam-me os dogmáticos e espiritualistas, onde teriam acabado os biliões de criaturas que se consumiram na vida planetária, antes da vinda do Cristo? No gozo espiritual? Não, porque eles viveram de antropofagia, crueldade, extermínio, etc., etc., uma verdadeira noite de trevas do tempo.

Todos os Rama, Krishna, Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão, que precederam Jesus, foram por sua vez os flanqueadores com doutrinas que se aproximavam da maior, simples e grandiosa: “*Amar e Perdoar*”.

E eis como, sobre a ruína de uma primeira civilização, a Atlântida, a sua submersão, o surgir de novos continentes, raças,

cores, costumes, cultos, etc., tudo fatalmente por cataclismos periódicos, no crisol da própria vida planetária se prepara a ascensão da criatura e do planeta para os horizontes cada vez mais puros do Universo.

O todo obedece, no fundo, à nossa doutrina: “*Nascer, morrer, renascer, morrer ainda, mas progredir sempre.*”

E como um Pai Universal rege o Infinito, os Espíritos mais antigos de cada globo são os seus interpretes e os seus colaboradores. Mas o mesmo seremos *nós*, se reflectirmos, que, pela criação contínua e ininterrupta dos planetas, nós nos tornamos outros tantos decanos no espaço e no tempo, na evolução e encaminhamentos dos planetas para as moradas luminosas e puras. A Via Láctea é prova irrefutável destas últimas.

De tal interpretação simples da vida do globo, desde a Atlântida até Cristo, nesta eterna renovação da matéria e do espírito, o oceano não sepultou a Atlântida nem consumiu os seus habitantes. O quarto cataclismo serviu para impulsionar novas energias do sub-solo e da superfície da Terra: mas o planeta todo, parcialmente submerso pelas águas onde pulsava a vida humana, é sempre germinação de força e de calor no seu conjunto físico.

E as suas almas? Eis aí a grande verdade do Espiritismo: os habitantes da Atlântida, em parte, disseminaram-se pelos planetas de maior evolução, em parte somos *nós* pela lei igualmente racional e providencial da reencarnação.

Cristo; corpo, alma, espírito, em razão do seu mesmo remoto nascimento e missão: hoje astro e condutor do planeta para os recessos divinos, nos ensina o *Caminho, a Verdade e a Vida*.

Parece ainda revolucionar-se o globo? Não, meus irmãos, ele apenas continua, através de suas metamorfoses, a sulcar as vias do Céu, tendo *Cristo* como *guia supremo*... Para a frente, sempre!

MARIANO RANGO D'ARAGONA

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos, Dezembro de 1935).

*

Não vamos comentar o texto que acabamos de transcrever, embora escrevamos um pouco sobre ele e o seu autor, pessoa extremamente respeitada, segundo lemos na Revista “Estudos Psíquicos”, na sua época.

Sentimos que, alguns dos nossos leitores descreirão das palavras grafadas atrás, mas queremos só lembrar que Platão, aluno de Sócrates e considerado professor e sábio escreveu, na sua época, sobre a existência daquelas ilhas que, um dia, terão desaparecido da face da Terra devido ao comportamento dos seus habitantes e dos próprios governantes.

Mito? Realidade?

De tudo aquilo que fomos lendo e aprendendo desde que nos sentámos pela primeira vez num banco da escola que frequentámos, tudo aquilo que nos transmitiram e obrigaram a decorar terá acontecido como aprendemos? E, no entanto, estudámos; e, no entanto, decorámos!

Para nós, pessoalmente, a Atlântida é – foi – uma realidade, realidade essa de que gostaríamos de conhecer muito

mais... embora o artigo, escrito em 1935, transmita apenas o conhecimento e o sentir da própria época e do próprio autor.

Talvez um dia, num Tempo que não sabemos agora definir nem referir, possamos comprovar todas estas referências que ora nos deixam tantas interrogações, e passemos, então, a ter só certezas. Até lá, vamo-nos debruçando sobre as leituras que cheguem até nós para ficarmos a saber um pouco mais!

MANUELA

*

O EVANGELHO E A MULHER

“Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.” – PAULO - Efésios, 5:28).

Muita vez, o apóstolo dos gentios tem sido acusado de excessiva severidade para com o elemento feminino. Em alguns trechos das cartas que dirigiu às igrejas, Paulo propõe medidas austeras que, de certo modo, chocaram inúmeros aprendizes. Poucos discípulos repararam, na energia das palavras dele, a mobilização dos recursos do Cristo, para que se fortalecesse a

defesa da mulher e dos patrimónios de elevação que lhe dizem respeito.

Com Jesus, começou o legítimo feminismo. Não aquele que enche as mãos de suas expositoras com estandartes coloridos das ideologias políticas do mundo, mas que lhes traça nos corações directrizes superiores e santificantes.

Nos ambientes mais rigoristas em matéria de fé religiosa, quais o do Judaísmo, antes do Mestre, a mulher não passava de mercadoria condenada ao cativoiro. Vultos eminentes, quais Davi e Salomão, não conseguiram fugir aos abusos de sua época, nesse particular.

O Evangelho, porém, inaugura nova era para as esperanças femininas. Nele vemos a consagração da Mãe Santíssima, a sublime conversão de Madalena, a dedicação das irmãs de Lázaro, o espírito abnegado das senhoras de Jerusalém que acompanham o Senhor até ao instante extremo. Desde Jesus, observamos crescente respeito na Terra pela missão feminil. Paulo de Tarso foi o consolidador desse movimento regenerativo. Apesar da energia áspera que lhe assinala as palavras, procurava levantar a mulher da condição de aviltada, confiando-a ao homem, na qualidade de mãe, irmã, esposa ou filha, associada aos seus destinos e, como criatura de Deus, igual a ele.

EMMANUEL

(In: PÃO NOSSO, capítulo 93, psicografia do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier; ed. FEB).

DO CANCIONEIRO NACIONAL

*

*Eu vi minha Mãe rezando
Aos pés da Virgem Maria:
Era uma Santa escutando
O que outra Santa dizia!*

*

*Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de Luz:
O novelo é lua cheia;
As meias são p'ra Jesus!*

*

Um conselho:

“O tempo é inesgotável; mas, gastá-lo em fantasias inúteis é, na verdade, «matar o tempo»; emprega-lo em pensamentos e acções úteis, é transformar o tempo em inesgotável fonte de vitalidade.

Autor desconhecido